

**O ESPORTE NA SINFONIA “PAULISTANA”, DE
BILLY BLANCO: UMA LEITURA INTERDISCIPLINAR**

Márcia Antonia Guedes Molina (BICT/UFMA)¹⁰²

maguemol@yahoo.com.br

Valéria Angélica Ribeiro Arauz (BICT/UFMA)¹⁰³

valeria.arauz@ufma.br

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de avaliar uma das letras que compõem a sinfonia “Paulistana”, de Billy Blanco, dado o lugar de destaque ofertado ao tema do esporte, como um meio de evidenciar a vocação esportiva do povo brasileiro, em especial a dos moradores da capital de São Paulo, e constituir as diversas práticas e modalidades esportivas como elemento de construção identitária e cultural do paulistano. Para tanto, será procedida uma análise interdisciplinar do poema com ênfase na observação do uso dos elementos de coesão e coerência textuais em função da textualidade na letra de Pr’o Esporte, a décima segunda da referida sinfonia. A construção poética feita prioritariamente pelo uso de metonímias, em uma mistura de hino e ironia, mostra como a vocação esportiva é parte integrante da cultura desse povo, apressado e vitorioso. O trabalho, de vocação interdisciplinar, está ancorado em autores que tratam da identidade, cultura, Linguística Textual e Teoria Literária.

Palavras-chave:

Linguística Textual. Pr’o Esporte. Identidade Cultural e texto poético.

1. Introdução

Composta entre os anos 60 e 70, a sinfonia “Paulistana” reúne 16 movimentos, combinando partes instrumentais com canto coral e músicas solo, e busca depreender por meio de letras e músicas a essência do povo de São Paulo, maior capital brasileira e, hoje, centro financeiro e cultural do país. Concluída no ano de 1974, a sinfonia foi orquestrada no ano seguinte com arranjos do maestro Chico Morais e se tornou um verdadeiro presente para a grande metrópole que completara 420 anos.

Os versos da “Paulistana” são conhecidos até a atualidade pela maioria dos moradores da cidade, embora destacados da obra original, por

¹⁰²Doutora em Linguística, pela Universidade de São Paulo, pós-doutora em Língua Portuguesa, pela PUCSP, professora do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia.

¹⁰³Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia.

meio do seu aproveitamento em campanhas publicitárias ou *jingles* de programas de rádio e televisão:

São Paulo, que amanhece trabalhando
São Paulo que não pode amanhecer
Porque durante a noite, paulista vai pensando
Nas coisas que de dia vai fazer.

(BLANCO, 1974)

Seu compositor, Willian Blanco Abrunhosa Trindade, ficou famoso no mundo musical como Billy Blanco e, mesmo sendo de origem do norte do país, denota um profundo conhecimento e apreço pela vida na cidade de São Paulo por ele adotada como lar, ao mencionar em suas canções elementos da história, da vida em sociedade dos habitantes, e as marcas culturais presentes no cotidiano, além de realçar os prazeres e as dificuldades vividos pelas pessoas dessa cidade cosmopolita. Feita para homenagear a esposa do compositor, paulistana quadrocentona¹⁰⁴, a obra acabou por se tornar um ícone da cidade.

Figura 1: Fotografias da capa do álbum em frente e verso onde constam informações como a sequência e duração das canções e



Fonte: Arquivo Claudia (Blog). Disponível em: <http://arquivoclaudia.blogspot.com.br/2015/02/album-claudia-elza-soares-pery-ribeiro.html>

A composição é desenvolvida em 16 movimentos: “Louvação de Anchieta”, “Bartira”, “Monções”, “Tema de São Paulo”, “Capital do Tempo”, “O Dinheiro”, “Coisas da Noite”, “O Céu de São Paulo”, “Amanhecendo”, “O Tempo e a Hora”, “Viva o Camelô”, “Pr’o Esporte”, “São Paulo Jovem”, “Rua Augusta” e “Grande São Paulo”. Para este trabalho,

¹⁰⁴ Termo cunhado em 1954, quando do quarto centenário da cidade de São Paulo, descreve a elite da cidade de São Paulo.

selecionamos “Pr’o Esporte”, originalmente interpretada por Elza Soares¹⁰⁵, consagrada cantora carioca, indicada a vários prêmios GRAMMY.

A sinfonia segue inicialmente uma cronologia em que destaca os fundadores da cidade e as lendas que envolvem esse processo de colonização. Passa, logo após, à vocação da cidade para os negócios, com ênfase permanente nas características que já são um lugar-comum acerca do paulistano: empreendedor, trabalhador incansável, apressado, entusiasta em ganhar dinheiro.

O primeiro grupo histórico é composto pelos 3 primeiros movimentos: “Louvação de Anchieta”, “Bartira”, “Monções”; já o segundo comporta: “Capital do Tempo”, “O Dinheiro”, “Coisas da Noite”, “O Céu de São Paulo”, e segue até o famoso “Amanhecendo”, cujo refrão “Vambora, vambora!/Olha a hora, vambora!” parece embalar o ritmo frenético do morador da capital financeira do país e ainda hoje é veiculado diariamente como abertura de um programa jornalístico matinal de uma importante emissora de rádio paulistana. O último grupo vai de “O Tempo e a Hora” e continua com “Viva o Camelô”, “Pr’o Esporte” (objeto de análise deste trabalho), “São Paulo Jovem” até “Rua Augusta”, deixando para a última parte a exaltação às cidades que compõem a conturbação desde então existente e composta pelos municípios vizinhos, região conhecida como Grande São Paulo, que dá título ao movimento.

Apesar de comporem as partes da sinfonia, os movimentos são usualmente encontrados como canções separadas, divulgadas por seus intérpretes originais ou por novos cantores e coros. Por isso, muitos paulistanos conhecem as canções ou seus trechos mais divulgados separadamente, mas não têm a percepção do belo conjunto obtido pela combinação de todos os movimentos em “Paulistana”.

Nosso objetivo neste trabalho é avaliar a letra de “Pr’o Esporte”¹⁰⁶, numa perspectiva interdisciplinar, tomando como aporte teórico autores que discutem identidade, cultura, com especial destaque à Linguística Textual e à Teoria Literária. Comungamos aqui com Fazenda(1995), para quem a interdisciplinaridade requer um árduo esforço no sentido de um

¹⁰⁵ Destacamos o fato de a escolha de Elza Soares como intérprete pode ter sido condicionada pelo fato de ela ter tido um sério relacionamento com um famoso jogador de futebol, Mané Garrincha, companheiro de Pelé na Seleção Brasileira de Futebol e conhecido como o “anjo das pernas tortas” por causa da maestria de suas jogadas, apesar dessa deformidade física.

¹⁰⁶ Este trabalho é parte integrante das pesquisas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa “Língua Portuguesa em Contextos Interdisciplinares”, cadastrado no CNPq.

redirecionamento epistemológico das disciplinas científicas para reaproximação de seus objetivos que na verdade são indissociáveis.

2. *Cultura, Identidade e Esporte*

Segundo Geertz (2008), cultura é uma teia que enreda o homem, cujos sentidos ele mesmo tece e significa em seu grupo social: “A cultura, esse documento de atuação, é, portanto, pública, como uma piscadela burlesca(...). Embora uma ideiação, não existe na cabeça de alguém; embora não-física, não é uma identidade oculta” (p.8). Essa cultura se concretiza no discurso, entendido aqui como prática social e cultural, reafirmando Mey (2001) para quem as “vozes sociais não são produzidas ou compreendidas num vácuo”, ao contrário, “as personagens sociais, juntas, fazem o ‘tecido da sociedade’” (p.80).

Quando se fala de Brasil, de cultura brasileira, duas expressões afloram de imediato: samba e futebol. Billy Blanco conseguiu prestigiar os dois em Pr’o Esporte. Seu ritmo, de acordo com Ricardo Varela¹⁰⁷, pode ser considerado um samba (com leve caída para a bossa nova): “No diaadia, chamamos isso de “sambinha”, um samba com os elementos característicos um pouco enxutos: sem surdo, sem tamborim, sem pandeiro, andamento lento.”¹⁰⁸ e, dentre os esportes mencionados, salienta o futebol.

Esse é um dos esportes que mais “enreda o brasileiro”. Fazer parte de um time, usar suas cores, frequentar estádios aproxima pessoas com mesmos gostos esportivos, anseios e expectativas. Para Jodelet(1989), ao fazerem parte dessas comunidades, “acolhendo-as”, representam-nas e são representados (p.35). Acerca desse aspecto de representação social, informa Leite (2002):

Uma representação social não representa apenas um objeto socialmente importante, não se refere de modo exclusivo a aspectos da realidade que têm relevância para a vida dos sujeitos que produzem essa representação. Além disso, ela representa também esses sujeitos, manifestando aquilo que eles são, exprimindo seu ser social (LEITE, 2002, p.130)

Pode-se dizer até, consoante Anderson (1983), que passam a fazer parte de uma “comunidade imaginada”, já que seus membros

¹⁰⁷ Músico, formando pela UNICAMP, e pianista da banca cover do U2.

¹⁰⁸ Entrevista concedida pelo músico às autoras desse texto. Continua o estudioso em música: “Para ser bossa nova, a harmonia teria que ser mais complexa, a melodia teria que passear menos em notas do acorde e mais nas escalas, e com a presença do violão, seria esperado que fizesse a levada do João Gilberto, que ficou tão famosa.”

construem uma imagem mental de afinidade mútua: com suas torcidas organizadas, lotam estádios, exaltam seus times, cantam seus hinos, incentivando seus jogadores e, muitas vezes até, instigando o adversário, criando o que Hall (2002) chama de identidades culturais, isto é aquelas que dão noção de “pertencimento” a “determinadas culturas étnicas, raciais, linguística, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (p.1).

Contudo, não somente o futebol é valorizado no texto. Para representar o esporte, ou seja, para ser “Pr’o esporte” na metrópole de São Paulo, que na ocasião de produção da peça já contava com mais de três milhões de habitantes¹⁰⁹, o autor menciona também boxe, remo e corrida, tanto de rua quanto automobilística, esportes menos populares, que, contudo, também congregam muitas pessoas em toda a nação.

Bourdieu (1992) em relação à capacidade de união, de integração social, informa:

(...) em uma sociedade de classes, todos os produtos de um dado agente surgem em função de uma determinação do próprio grupo e falam inseparável e simultaneamente de sua classe – “ou mais precisamente, de posição desta – na estrutura social, assim como de sua trajetória ascendente ou descendente. (BOURDIEU, 1992, p. 87)

Ou seja, pertencer a um time ou frequentar um clube favorece uma identidade, um modo de ser e pensar, um real sentimento de pertencimento.

Quanto ao samba, nenhum outro ritmo pode traduzir de forma tão significativa nossa identidade. De acordo com Vianna (2002), pode ter ele deixado seu estigma de pejorativo¹¹⁰, numa noite em 1926, quando do encontro entre promissores escritores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e os compositores Donga e Pixinguinha, dentre outros.

O samba passou efetivamente a fazer parte da tradição brasileira indiscriminadamente, como relata Vianna (*Op. cit.*), com as rodas de samba cariocas, tornando-se, inclusive, símbolo da “brasilidade”:

Como todo processo de construção nacional, a invenção da brasilidade passa a definir como puro ou autêntico aquilo que foi produto de uma longa negociação. O autêntico é sempre artificial, mas, para ter “eficácia simbólica”,

¹⁰⁹ Cf.: http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_re-censeada_1950_10552.html

¹¹⁰ Anteriormente a isso, o samba e o violão eram vistos como um ritmo e um instrumento menores, visto que eram associados a uma forma simplória e popularizada de execução musical, em oposição à música e os instrumentos clássicos.

precisa ser encarado como natural, aquilo que “sempre foi assim” (VIANNA, 2002, p. 151)

Embora São Paulo não seja considerada um “berço” desse ritmo, na ocasião, nessa capital, grandes nomes já deixariam sua marca nesse ritmo, como Adoniram Barbosa e Demônios da Garoa.

Isso quer dizer que Pr’o esporte, ao homenagear São Paulo, reúne elementos que, de fato, acabam por traduzir a cultura e a identidade do paulistano. Naquela época, frequentar a Rua Augusta, andar apressadamente pelo Viaduto do Chá para compras no Mappin, estacionar a motocicleta à frente de uma lanchonete da moda e, claro, associar-se a um tradicional clube para práticas desportivas, eram os programas do paulistano.

3. *O Texto na Canção*

Muitas são as concepções de texto. Para Platão e Fiorin (2000): “não é um trabalho fácil definir o que seja um texto”, contudo, informam, “deve ele conter coerência de sentido e, ao utilizarmos os conectivos adequados no interior da sequência linguística, estaremos interligando as orações e diminuiremos o risco de comprometer a ideia central do texto, estabelecendo-se então o conceito de coesão” (p.17).

Em outras palavras, texto, que etimologicamente quer dizer tecido, deve constituir-se num *todo*, coeso e coerente.

Para Halliday e Hasan (1976), texto é uma unidade de língua em uso; é melhor compreendido como uma unidade semântica, uma unidade não de forma, mas de significado.

Fávero e Koch (1983), assim o definiam:

O termo “texto” pode ser tomado em duas acepções: “texto” em sentido amplo, designando toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma música, um filme, uma escultura, um poema etc.), e, em se tratando de linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou pelo locutor e interlocutor, no caso dos diálogos) e o evento de sua enunciação. (FÁVERO; KOCH, 1983, p. 25)

Reunindo as considerações acima, para este trabalho consideraremos o texto como unidade de sentido, produzida por um sujeito numa situação dada, com coesão e coerência.

Por coesão, acompanhamos Halliday e Hasan (*Op. cit.*), para quem as concatenações frásicas lineares dependem de cinco categorias de procedimento: referência, substituição, elipse, conjunção e léxico: referência é compreendida como a função pela qual um signo linguístico se relaciona a um objeto extralinguístico. Ela pode ser situacional ou exofórica (isto é, extratextual) e textual ou endofórica.

A referência textual ou endofórica pode ser: anafórica, quando o item de referência retoma um signo já expresso no texto; e catafórica, quando o item de referência antecipa um signo ainda não expresso no texto. Sobre a referência, os autores apontam três tipos: pessoal (pronomes pessoais e possessivos), demonstrativa (pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar) e comparativa (por via indireta, através de identidades ou similaridades). No que diz respeito à substituição, informam que se trata da colocação de um item no lugar de outro(s) ou até de uma oração inteira. Pode ser nominal (feita por meio de pronomes pessoais, numerais, indefinidos, nomes genéricos como coisa, gente, pessoa) e verbal (o verbo “fazer” é substituto dos causativos, “ser” é o substituto existencial). Quanto à elipse, dizem ainda, é a omissão de um item lexical recuperável pelo contexto, ou seja, a substituição por zero (0). Pode ocorrer elipse de elementos nominais, verbais e oracionais. Já a conjunção tem natureza diversa das outras relações coesivas por não se tratar simplesmente de uma relação anafórica. Os elementos conjuntivos são coesivos não por si, mas indiretamente, dadas as relações que se estabelecem entre as orações, períodos e parágrafos. Quanto a isso, esclarecem que, para se obter a coesão, é importante a escolha de conectivo adequado para expressar as diversas relações semânticas.

PR’O ESPORTE

Billy Blanco

Ser do São Paulo, do Corinthians e Palmeiras

É ter o fino em futebol durante o ano

Em tênis, remo, natação, nas domingueiras

Bom é Pinheiros, Tietê ou Paulistano

Com Ademir, com Rivelino no gramado

Com rei Pelé, suas jogadas de veludo

Não é de graça que São Paulo é chamado

Melhor da América Latina em quase tudo

Pr'o esporte, Pr'o esporte é a solução
Pr'o esporte, Pr'o esporte contra a poluição

Lá por setembro o estudante nos ensina
Aquele esporte pelo esporte que não cede
E o meu Mackenzie, dá um show com a Medicina
Na grande guerra que se chama MacMed
Em campeonato mundial estamos nessa
Com Éder Jofre e os Fittipaldi, é pra valer
Só em São Paulo que é a terra do depressa
A São Silvestre poderia acontecer
Pró-esporte, pró-esporte é a solução
Pró-esporte, pró-esporte contra a poluição

No início do texto verbal de Pr'o esporte¹¹¹, observamos a presença de elementos referenciais, como o emprego do artigo definido. Isenberg (1968) cita treze fenômenos somente explicáveis no âmbito da estrutura textual, dentre eles a seleção de artigos, que podem ser considerados fatores de coesão, ao lado de diversos tipos de textualização. Para Weinrich (1964), a distribuição do artigo é um aspecto importante da estrutura sígnica textual, orientando o receptor na compreensão dos demais signos do texto.

Quando ao autor emprega:

Ser do São Paulo, do Corinthians e Palmeiras...

É ter o fino em futebol durante o ano...

esclarece que, pertencer àqueles times específicos, os mais importantes da cidade, que congregam maior número de torcedores, é ter o fino, o máximo em futebol, durante o ano, ou seja, têm a grande possibilidade de ver seu time campeão em uma das modalidades competitivas promovidas no estado e no país.

Além disso, a elipse (ou elemento vazio) do verbo “ser”:

Ser do São Paulo, (ser) do Corinthians e (ser) do Palmeiras

Colaboram na e para o estabelecimento da sequenciação ao texto.

O pronome possessivo em:

Com Ademir, com Rivelino no gramado

¹¹¹ Neste trabalho trataremos apenas do aspecto verbal, e evocaremos os elementos musicais apenas quando julgarmos significativo para compreensão do todo.

Com Rei Pelé, suas jogadas de veludo...

Faz uma referência pessoal, julgamos nós, não só as do Rei do futebol, mas aos outros esportistas mencionados: Ademir (Ademir da Guia, importante jogador do Palmeiras) e Rivelino (consagrado jogador do Corinthians).

Nos versos “Não é de graça que São Paulo é chamado/ Melhor da América Latina em quase tudo”, apontamos, em primeiro lugar a ambiguidade: se o adjetivo fizesse referência à cidade de São Paulo, deveria estar no feminino, e possivelmente essa expressão estaria se referindo à poluição com que a grande cidade tem de conviver. Como, entretanto, está no masculino, leva à leitura de que se trata do time: São Paulo Futebol Clube. O “quase tudo”, então, poderia tratar-se de uma ironia, porque o elemento catafórico não vem explicitado na sequência. Temos nesse verso, portanto, um exemplo de catafóra sem referência, exigindo do leitor/ouvinte virtual seu preenchimento de acordo com seu próprio repertório ou com a sua intenção e conveniência.

Na última estrofe, o emprego do demonstrativo contraído com a preposição: “Em campeonato mundial estamos nessa / Com Éder Jofre e os Fittipaldi, é pra valer...” a referência catafórica “nessa” remete o leitor às vitórias frequentes desses campeões citados, isto é, a conquista da faixa no boxe pelo paulista Éder Jofre, **considerado por muitos especialistas como o maior peso-galo do boxe da era moderna, tendo ficado conhecido pelo apelido “Galinho de Ouro”**; e aos campeonatos automobilísticos, vencidos pelo também paulistano Fittipaldi nos anos de 1972 e 1974. Em 1973, Fittipaldi conseguiu o segundo lugar, no Brasil, em São Paulo, no Autódromo de Interlagos. Como se viu, como diz Cavalcante (2009), a referência é um dos fatores responsáveis também pela organização da tessitura do texto.

Em relação à coesão lexical, aponte-se que as palavras do texto conduzem o leitor ao campo lexical do esporte, citando tanto times de futebol (São Paulo, Corinthians, Palmeiras) quanto jogadores (Ademir da Guia, Rivelino, Pelé). Faz referência também, mesmo que implicitamente a clubes e ainda a modalidades esportivas, citando seus esportistas (Éder Jofre, Fittipaldi). Além, claro, da paulistana São Silvestre.

Em relação à coerência, de acordo com Beaugrande e Dressler (1981) o texto coerente é aquele em que se pode depreender uma continuidade de sentidos dentre os conhecimentos ativados dentre as expressões nele utilizadas; e é “incoerente aquele em que o leitor/alocutário não

consegue descobrir nenhuma continuidade, comumente porque há uma séria discrepância entre a configuração de conceitos e relações expressas e o conhecimento anterior de mundo dos receptores” (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981, p. 84).

Especificam ainda que, enquanto o significado se traduz na capacidade de uma expressão linguística de apresentar ou veicular conhecimentos ou conteúdos, o sentido pode ser compreendido por aquilo que é atualmente evocado pelas expressões que ocorrem num texto, sendo, por tanto, atualização seletiva de significados potenciais. Dessa forma, os autores, sugerem que se defina o sentido de uma expressão ou conteúdo de um conceito como um conjunto ordenado de hipóteses sobre a obtenção e ativação de elementos cognitivos dentro de um modelo atualizado.

Podemos dizer que o autor “brinca” com conhecimentos prévios, de mundo e partilhado por parte de seu leitor/ouvinte virtual. Por exemplo, quando afirma:

Ser do São Paulo, ser do Corinthians e do Palmeiras

É ter o fino em futebol...

Espera que o receptor entenda que “fino” era uma expressão muito utilizada no final das décadas de 60 e 70 do século XX, que significava: o máximo, o “melhor”. Essa “gíria” era tão empregada que chegou a denominar um importante programa musical, de grande audiência, intitulado: “O Fino da Bossa”, exibido pela TV Record de São Paulo, apresentando por Elis Regina e Jair Rodrigues.

Vale à pena frisar que os times mencionados na letra (São Paulo, Corinthians e Palmeiras) constituem a elite do futebol paulistano. Times esses que permutam frequentemente a liderança nos principais campeonatos, tanto de âmbito estadual quanto nacional.

Afora o futebol, a cidade de São Paulo, contava com clubes desportivos famosos e estes eram responsáveis também pela promoção de campeonatos de tênis, remo e natação. Dentre esses, citam-se o Clube Atlético Tietê e o Pinheiros, de onde importantes nomes despontaram. Foram esses outros esportes os citados pelo autor, exigindo que seu leitor/ouvinte virtual estabelecesse as inferências necessárias para a compreensão do texto.

Quando diz respeito às “suas jogadas de veludo”, espera que o seu interlocutor saiba que essa expressão, utilizadas no meio futebolístico, diz respeito às belas jogadas, bem finalizadas.

O ritmo frenético da capital é sublinhado pelo autor, por meio da expressão “terra do depressa”, onde também ocorre a tradicional corrida de São Silvestre. Esse evento reúne importantes corredores brasileiros e estrangeiros, e na época da composição ocorria nas últimas horas do ano e inaugurava o novo, com a ruptura dos cordões de vitória, na consagrada Avenida Paulista.

Lembramos que, de acordo com Ciulla e Silva (2008) uma das funções discursivas dos processos referenciais é “promover um convite para uma ativação da memória” e, mais que isso, uma ativação do conhecimento de mundo.

Como se pode depreender, essa música foi feita por um paraense que viveu em São Paulo e teve para com a cidade uma relação muito grande de carinho e proximidade. Somente quem tem conhecimento de mundo e partilhado pode estabelecer as inferências necessárias para a efetiva compreensão do texto.

4. Solução contra a poluição

A letra analisada, desde o seu título, combina elementos de uma aparente simplicidade para construir, por meio do uso de metonímias, a identidade do paulistano como maior, melhor e vencedor também quando o tema são as competições desportivas.

A maneira como o poema é construído quanto aos fatores de textualidade confere a singularidade de uma letra que parece o agrupamento de elementos aleatórios para quem não tem o conhecimento de mundo suficiente, mas na verdade são a evocação de um repertório próprio de quem vive essa realidade para compor as camadas de significado do texto poético.

A escolha do tema do esporte ao lado de outras marcas inerentes à metrópole, como as bandeiras¹¹², o metrô, as ruas de comércio e os camelôs, evidencia o quanto esse é importante para São Paulo, como elemento distintivo de sua população, entusiasta das competições, que envolvem os paulistanos atletas e os espectadores movimentados em grandes torcidas.

¹¹² As bandeiras são a denominação do movimento colonizador que desbravou o interior do Brasil, principalmente no estado paulista. Os bandeirantes são um símbolo da coragem e determinação desse povo e são motivo de homenagens por meio de topônimos e monumentos.

O título é grafado com uma contração de “para o esporte”, e isso confere um grau de informalidade, uma vez que na época da composição essa aglutinação era algo incomum no português brasileiro, restrita apenas a contextos que permitissem o uso coloquial do idioma. O uso da apóstrofe na contração revela essa novidade para a língua, que ainda não aceitava a junção da preposição com o artigo de maneira corriqueira, como veio a acontecer tempos depois. Inclusive, essa grafia de 1974 foi substituída em publicações mais recentes, quando, por exemplo, houve o lançamento de “Paulistana” em Compact Disc, quando já se grafa o título da canção como “Pro Esporte”, sem a marca gráfica da contração. “Para o esporte” é a dedicatória da canção, como também ela leva ao sentido de que “para o esporte” vive a cidade de São Paulo. O título também se repete no refrão e promove a marcação do ritmo – forte em “Pr’o” e fraco na tônica de “esporte”: Pr’o esporte que é composta pelas mesmas letras em posição invertida –, uma repetição na letra do efeito causado pela marcação instrumental do samba.

O vocabulário utilizado não tem termos desconhecidos pelos leitores de modo geral, excetuando-se os nomes dos atletas, que podem não ser tão familiares aos mais jovens, e a competição Mac Med, cujo alcance fica restrito somente aos paulistanos que conhecem o ambiente universitário, uma vez que se trata de um torneio de esporte amador que envolve as maiores associações atléticas universitárias da cidade há quase um século e cujo auge é contemporâneo da composição. O tom prosaico na distribuição dos termos relacionados ao esporte ao longo do poema se assemelha ao de uma conversação, o que pode ser exemplificado em expressões como “Bom é...”, “Não é de graça...”, “Lá por setembro...” e no uso da primeira pessoa em “meu” e “estamos nessa”.

O poema segue um ritmo isométrico de versos dodecassílabos com a tônica nas sílabas poéticas 4, 8 e 12:

Ser/ do/ São/ PAU/lo/ do/ Co/RIN/thian/s e/ Pal/MEI/rãs

Provavelmente essa escolha se deve à adequação mais fácil à cadência do samba para o qual a letra foi escrita, pois não há rigor na escolha das palavras quanto à tonicidade, mas o ritmo obedece ao caráter prosaico do texto, como se reproduzisse um diálogo. A intérprete original Elza Soares, inclusive, suaviza a linha melódica e em alguns momentos de sua performance parece estar falando em vez de cantar.

As rimas dos quartetos são alternadas, mas também não se percebe uma tentativa de reprodução rígida de convenções clássicas. Ao contrário,

as rimas estão mais a serviço da canção e do conteúdo, a ponto de permitir a rima: CEde / MED.

Quanto à organização temática, está dividido em quatro estrofes que obedecem a uma sequência temática e refrão que aparece intercalado a cada duas estrofes. Na primeira estrofe estão os esportes de competição – futebol, tênis, remo e natação – representados pelos clubes expoentes na cidade em cada modalidade. No caso dos clubes de futebol, citados no primeiro verso, figuram também aqueles de maior torcida e rivalidade, sem, no entanto, obedecer a uma gradação numérica, o que pode ser justificado pela necessidade de um justo encaixe das sílabas poéticas ou mesmo pela preferência do compositor enquanto parte dessa grande torcida.

A segunda estrofe exalta o desempenho dos atletas de futebol de renome mundial, incluído o jogador Pelé, ainda não superado em renome no Brasil, celeiro profícuo de bons jogadores. Sublinhamos que o autor prestigia o futebol não só mencionando os clubes paulistanos, mas também, exaltando seus jogadores: Ademir da Guia, Rivelino e Pelé. O primeiro é tido até hoje como o maior jogador do Palmeiras e os dois últimos muito contribuíram pela conquista do segundo título brasileiro como campeão da Copa do Mundo da FIFA, sediada no México em 1970.

Nessa estrofe, o letrista evidencia um caráter também identitário do paulistano que é o de se perceber e ser qualificado pelos demais brasileiros como um grupo de excelência, que realiza obras de destaque, senão os melhores do mundo, ao menos da América Latina. A ironia se apresenta no último verso, pela presença do “quase”, uma vez que essa referência ao posto de “maior” ou “melhor” do continente é usada em diversas ações publicitárias e na percepção do paulistano sobre si próprio, e hoje já se assemelha a um clichê.

A terceira estrofe apresenta o esporte amador por meio da competição universitária. Como uma analogia à expressão “arte pela arte”, ou seja, aquela que é um fim em si mesma, o compositor cunha o “esporte pelo esporte”, aquele que move atletas e torcidas sem o envolvimento profissional, mas pelo prazer de competir e participar de um grande torneio. Para marcar essa conotação de “paixão”, a expressão é qualificada pela locução “que não cede”, com o sentido de um esporte que permanece amador e cujas paixões atraem as centenas de acadêmicos que, por muitos anos não abandonam as bandeiras de seus cursos e instituições. O próprio autor se insere no lugar do eu-lírico na marca do pronome “meu” como qualificador, uma vez que Billy Blanco, arquiteto, foi acadêmico da Universidade

Presbiteriana Mackenzie, a grande rival da Associação Atlética Oswaldo Cruz, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, formando o binômio das competidoras: Mac/Med.

Na última estrofe há um jogo entre a individualidade e a coletividade do esporte: nos primeiros versos, o boxeador Eder Jofre e os corredores automobilísticos da família Fittipaldi; nos últimos, os milhares de corredores dos 15 km da São Silvestre, oriundos de todo o país e de vários lugares do mundo, se reúnem anualmente para celebrar a cidade e seus lugares mais característicos, como o Museu de Arte de São Paulo (MASP), o Estádio do Pacaembu, o Memorial da América Latina, o Teatro Municipal e o famoso cruzamento entre as ruas Ipiranga e São João, eternizado em “Sampa”, considerada um dos hinos da cidade e composta por Caetano Veloso. Ter acesso à alma cultural da cidade em uma corrida está na essência dos versos de Billy Blanco, que afirmam:

Só em São Paulo que é a terra do depressa

A São Silvestre poderia acontecer

O refrão parece destoar do caráter de hino de exaltação às qualidades do paulistano atleta ou torcedor, inserindo o esporte no par improvável “solução” e “poluição” que, inicialmente, soa como uma oposição de termos totalmente dissociados. O fato é que, além das outras marcas identitárias trazidas ao longo da sinfonia – velocidade, eficiência, coragem, progresso – São Paulo também é conhecida pelo alto grau de poluição, do ar, sonora ou visual, presente na cidade, um dos efeitos colaterais de um abrupto crescimento industrial. A exposição desse problema lembra que, já nos anos 60 e 70, a poluição era um problema para a cidade e a possível solução estaria na valorização da prática esportiva. Por exemplo, se mais valorizado o remo, talvez hoje estivessem preservados os rios Pinheiros e Tietê, cenários outrora tradicionais para a prática desse esporte. Outra possibilidade de leitura envolve também os benefícios para a saúde dos praticantes das diversas modalidades esportivas, que teriam sua capacidade muscular e respiratória ampliada, uma potente defesa contra os efeitos da poluição. É irônico destacar no refrão, portanto, que São Paulo, apesar de tudo o que foi cantado nas estrofes, também é marcada pela poluição e ignora a eficácia do esporte como um benefício que ultrapassa a aura de competição das práticas desportivas.

Por ser construído como esse conjunto de metonímias, em que os nomes de pessoas e clubes surgem no lugar das modalidades esportivas, o poema não apresenta muitas metáforas. São identificadas apenas duas:

“jogadas de veludo” e “grande guerra”, as quais fazem referência, respectivamente, à sutileza das jogadas de Pelé e ao ímpeto apaixonado das partidas dos torneios amadores.

O efeito do uso de tantas metonímias é um tangenciamento em que o tema da grandiosidade do esporte paulistano não é dado imediatamente ao leitor, mas é evocado perifericamente pela apresentação dessas palavras que significam, por contiguidade e para o leitor imediato a quem o texto se destina, o cidadão de São Paulo, uma rede de referências associadas ao mundo desse leitor e das experiências que ele tem como atleta ou torcedor paulistano. A função dessas escolhas, portanto, é criar uma vivência para que aquele que ouve “Pr’o Esporte” e se identifica como o interlocutor a quem essa canção se endereça, e, para o leitor/ouvinte que não comunga do repertório evocado, resta a possibilidade de imaginar essa cidade onde a prática esportiva pulsa como um de seus músculos motores.

5. Considerações Finais

A sinfonia “Paulistana” é um dos maiores tributos feitos à cidade de São Paulo e tenta mostrar a identidade do povo dessa capital cujo crescimento rápido a partir da proclamação da República no Brasil permite falar em uma segunda fundação, séculos depois daquela feita pela criação de um colégio jesuíta no Brasil Colonial. Este segundo nascimento da cidade resultou em uma efervescente metrópole que hoje movimenta todo o país em termos de cultura e finanças, além de ter concentrado em seu entorno, por muito tempo, a maior parte da produção da indústria nacional.

A São Paulo progressista, rica e veloz é cantada nessa sinfonia, reforçando o lugar-comum de que o paulistano é apressado, trabalhador e eficiente em tudo o que faz. Na letra de Pr’o Esporte, esses atributos são obtidos a partir da junção de dois elementos que, culturalmente associados ao brasileiro, ganham força também na louvação à cidade: o samba e o esporte, que em São Paulo não é apenas o futebol.

Esta leitura utilizou como elementos de análise as escolhas, pelo letrista, dos elementos constituintes da textualidade, como também os efeitos poéticos da construção desse texto, em uma abordagem interdisciplinar. Assim, a referenciação surge como grande motivadora da memória, responsável pela evocação de um repertório que potencializa os significados do poema.

Em Pr'ó Esporte, Billy Blanco canta a cultura brasileira, mormente a paulistana, a partir do amor do povo, atleta ou torcedor, pelas práticas esportivas. A identificação com times, clubes, atletas e torneios criam um ambiente de pertencimento social e cultural no qual cada indivíduo se reconhece paulistano e brasileiro, de nascimento ou de coração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, B. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Ática.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOURDIEU, P. O ponto de vista do autor: algumas propriedades gerais dos campos de produção cultural. In: BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- BEAUGRANDE, R. de; DRESSLER, W. V. *Einführung in die Textlinguistik*, Föbingen, Max Niemeyer, 1981.
- CAVALCANTE, M. *Referenciação e Uso*. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26454/1/2009_eve_mmcavalcante.pdf, acesso em 23/04/2018.
- CIULLA E SILVA, A. *Os processos de referência e suas funções discursivas – o universo literário dos contos*. Tese de Doutorado em Linguística. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- FÁVERO, L.L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2002.
- _____; KOCK, I.V. *Linguística Textual*– Introdução. São Paulo: Cortez, 1983.
- FAZENDA, I.C.A. (Org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004 (1995).
- FIUZA, A.F. O mundo popular cantado e perscrutado: vozes e visões da cidade de São Paulo nas canções de Adoniran Barbosa e Billy Blanco. In: FERREIRA, A.C.; MAHL, M.L. (Org.). *Letras e identidades: São Paulo no século XX, capital e interior*. Annablume, 2008
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 2008

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Routledge, 2014.

ISENBERG, H. Überlegungen zur Texttheorie. In: HwE, Literaturwissenschaft und Linguistik. Ergebnisse und Perspektiven. Frankfurt am Main, Athenäum Fischer Taschenbuch Verlag. (Trad. jt. in: Conte, 1977.), 1968.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: MOSCOVICI, S. (Ed.). *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. *Ler e compreender o sentido do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, I. C. *Desconhecimento, piedade e distância: representações da miséria e dos miseráveis em segmentos sociais não atingidos pela pobreza*. Tese de Doutorado em Sociologia (Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara – da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”). Araraquara-SP, 2002

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MEY, J. L. *Pragmatics: An introduction*. Oxford: Blackwell, 2001.

PLATÃO, S.; FIORIN, L. A. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1993.

VAN DIJK, T. *A Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1999.

VIANNA, H. *O mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Zahar; Ed EFRJ, 2002.

WEINRICH, H. *Tempus: Besprochene und Enzahlte welt*. Stuttgart, Kohlhammer. Trad. Em francês. 1973. *Les Temps: le récit et le commentaire*. Paris, Seuil, 1964.